

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Disciplina:

História da cidade de São Paulo: um desafio pedagógico

**Os Indígenas e os Bandeirantes
Reescrevendo a história convencional**

Renata Garcia Cruz
Número USP - 8029924

Professora Dra. Antonia Terra de Calazans Fernandes

Vespertino – 2º Semestre 2016

São Paulo - SP

Sequência didática

Objetivos

A ideia dessa sequência didática é uma tentativa de introduzir saberes relacionados à temática indígena, e é como uma chance de reescrever a história convencional de São Paulo, e do Brasil em geral, quando o assunto diz respeito à importância dos bandeirantes e a importância dos indígenas na povoação e desbravamentos de São Paulo.

Sabemos que a figura do bandeirante está enraizada no imaginário coletivo da identidade de São Paulo, e os mesmos são vistos como responsáveis pelo avanço do território da América Portuguesa, tendo um espaço como construtores da nação. A ideia é apresentarmos um outro olhar sobre o desbravamento do espaço e o avanço das fronteiras, inserindo os bandeirantes no contexto dos indígenas, nativos da região, e que tiveram um papel muito importante para o desenvolvimento desses processos – povoamento, desbravamento, e construção de São Paulo.

As aulas consistem, dessa forma, em atividades de reflexão e de estímulo às críticas dos fatos apresentados, para que com isso seja possível, em algum nível, a desconstrução desse senso-comum tão reproduzido entre os paulistanos. Para além desse assunto específico, procura-se também com essa sequência didática causar uma certa “provocação” nos alunos participantes, com o intuito de estimular o senso crítico e o questionamento de algumas situações do cotidiano. Assim, busca-se que haja uma aproximação entre o aluno e o conteúdo da disciplina de história, e que o estudante possa enxergar além de algumas convenções muitas vezes presentes em livros didáticos, comentários cotidianos e um imaginário coletivo muito enraizado na sociedade paulista. Desta forma, o estímulo à criticidade talvez possa trazer para o aluno uma consciência de outras realidades e questões que muitas vezes não aparecem na mídia e nem são lembradas – como a questão indígena atual, seja na cidade de São Paulo ou no Brasil - mas que são muito

relevantes quando pensamos que todos, ao menos teoricamente, possuem direitos básicos iguais.

Público Alvo:

- As atividades propostas aqui serão pensadas para o fundamental II, mas podem ser aplicados no Ensino Médio, talvez aumentando o número de problematizações acerca dos documentos analisados.
- Material desenvolvido ao Professor, para que este possa trabalhar em sala.

Palavras Chaves:

Brasil, São Paulo, Indígenas, Bandeirantes.

Duração: 6 aulas.

Contextualização:

Um dos principais elementos da identidade paulista e da historiografia é a figura dos bandeirantes. Suas representações estão presentes no dia-a-dia do paulistano – avenidas, estradas, nomes de escolas, associações esportivas, clubes e monumentos que servem de referência na capital, como, por exemplo, o monumento às bandeiras no Ibirapuera.

A figura do bandeirante como um grande e nobre herói e explorador, objeto visto quase como essencial para a formação da cidade de São Paulo e seus entornos começa a tomar forma em torno do século XVIII, com obras como de Frei Gaspar da Madre de Deus, autor de *Memórias para a história da Capitania de São Vicente*, de 1797. Representante da elite paulista seiscentista, é claro o propósito do autor de engrandecer os antepassados, e defender os paulistas das acusações dos jesuítas, como, por exemplo o padre *Antônio Luiz de Montoya*, “*um dos principais responsáveis pela criação de legenda negra do bandeirismo*”. A ideia do bandeirante como o desbravador

que enfrentou a natureza bruta, chuvas rigorosas, e animais da floresta, e que tinham passado fome, frio mas realizado seus intentos (como a conquista territorial para a Coroa Portuguesa foi apresenta na oba de Frei Gaspar, o que contribuiu, junto com outros autores contemporâneos ou não do mesmo, para o imaginário que ronda a imagem do bandeirante.

Desta forma, percebemos que a imagem do bandeirante é uma convenção fortalecida ao longo dos anos, e é uma interpretação dos fatos em épocas diferentes de quando ocorrera, levando a uma visão construída com o passar do tempo.

AULA 1

Título: O QUE A ATUALIDADE NOS APRESENTA

Esta aula será composta por três atividades. Se é do presente que surge a problematização do passado, então é desta forma que começamos a sequência de aulas – observando algumas notícias bem atuais, podemos questionar alguns fatos. Mas antes disso, é interessante estabelecer uma base para trabalhar com os alunos. Desta forma, a primeira atividade é perguntar aos alunos e, juntos, criar uma definição para o que eles entendem por “Bandeirantes” como um ponto de partida para as outras atividades e justamente demonstrar se há ou não um imaginário acerca dessa figura. A segunda atividade é discussão de algumas notícias atuais que mostram algumas intervenções em monumentos de bandeirantes, e a terceira é uma comparação entre algumas conclusões conjuntas do grupo.

Atividade I – “O que é Bandeirante?”

O professor intermediador deve questionar para a sala o que é, para cada, um bandeirante, para estimular que os alunos pensem nesse assunto e terem um primeiro contato com o tema. Seria interessante anotar na lousa as definições e, feito isso, pedir para que todos da sala possam contribuir para criarem uma **definição geral/oficial feita pela sala** sobre o Bandeirante.

Após isso, apresentar nomes de alguns bandeirantes mais famosos, como Raposo Tavares, Fernão Dias, Borba Gato, e perguntar se já ouviram

falar de algum desses nomes em algum lugar. Também seria interessante perguntar se conhecem outros nomes que sabem que são de bandeirantes.

Atividade II – Notícias bem atuais

Dividir a turma em três grupos, e entregar os seguintes documentos para cada grupo:

Documento 1 - Origem e data: Revista Fórum, dia 5 de outubro de 2013.
Título: “Monumento às Bandeiras homenageia aqueles que nos massacraram”, diz liderança indígena

Documento 2 - Origem e data: Site do G1, dia 30 de setembro de 2016

Título: Monumentos amanhecem pichados com tinta colorida em SP - *Monumento às Bandeiras e estátua de Borba Gato foram pintados. Havia cascas de ovo com resto de tinta.*

Feito isso, pedir que leiam e tirem algumas conclusões sobre o que leram. Para auxiliá-los, é interessante apresentar as seguintes questões:

- Qual a data de cada uma das notícias?
- O que informa cada uma das notícias?
- Há alguma semelhança ou diferença entre as notícias?
- Quais os responsáveis de cada uma das situações expostas nas notícias?
- Qual poderia ter sido o objetivo dos responsáveis pelas situações descritas nas notícias?
- Quais visões sobre bandeirantes são apresentadas nas notícias?

Após alguns minutos, pedir para que os grupos apresentem suas respostas, talvez alternando a participação de cada grupo ou então comparando as conclusões dos grupos.

Atividade III – Comparação entre as conclusões dos alunos

É neste momento final da aula que o professor deverá pedir para que os alunos, não mais dispostos em grupos, possam comparar a definição feita na atividade 1 com as conclusões apresentadas na atividade 2. Em meio essas discussões e comparações feitas pelos alunos é que se encerra aula, e

recomenda-se que o professor possa fazê-los refletir se a definição que temos sobre bandeirantes é a mesma para todos os grupos presentes na nossa sociedade – como, por exemplo, se a visão sobre esse elemento é o mesmo para os alunos daquela sala e os indígenas, por exemplo.

AULA 2

Título: O QUE OS DOCUMENTOS NOS APRESENTAM - Bandeirantes

Essa aula será composta por três atividades. A primeira irá estimular reflexões acerca do ideal sobre o bandeirante, a segunda trazer reflexões acerca de outras fontes que apresentar noções diferentes sobre tal tema, e a terceira parte irá estimular questionamentos e comparações entre as duas apresentações.

Atividade I – O imaginário Bandeirante

Em grupos, os alunos devem se reunir para observar e analisar algumas fontes referentes aos bandeirantes em São Paulo. Os grupos, nesta atividade, ficam à critério do professor. Os documentos utilizados serão:

Documento 3 – O mestre de campo Domingos Jorge Velho e seu lugar-tenente Antônio Fernandes de Abreu (detalhe), óleo sobre tela, 1903, com 100 x 140 cm, acervo do Museu Paulista da USP.

Documento 4 – CALIXTO, Benedito. Capitânicas Paulistas. São Paulo: Estabelecimento Gráfico J. Rossetti, 1924, pag 131.

Para a análise dos documentos, o grupo deve tentar responder as seguintes questões:

- Em que data os documentos foram feitos?
- De que país eram os autores desses documentos?
- O que cada uma dessas obras conta para o observador?
- Há semelhança entre as obras?

Feito isso, após alguns minutos determinados pelo professor, é momento de expor as conclusões dos alunos. Como auxílio para que os alunos observem melhor os dados coletados, seria interessante escrever na lousa as respostas tanto divergentes como convergentes.

Atividade II – As fontes alternativas

Documento 5: Bandeirante era assassino dos sertões. Folha de S. Paulo, 25 jan. 2011. Caderno Especial São Paulo 457 anos.

Documento 6: José Roberto Torero, Grandes nomes têm passado mais vermelho que dourado. Folha de S. Paulo, 25 jan. 2011. Caderno Especial São Paulo 457 anos, p. 3

As questões para esses documentos deverão ser:

- Qual a data de cada uma das obras?
- O que cada um dos documentos nos informa?
- Qual a semelhanças e diferenças entre os documentos?

Atividade III - Após a apresentação de cada grupo, é neste momento final da aula que o professor deverá pedir para que os alunos possam comparar o que observaram nas aulas anteriores e tentarem organizar as ideias. Para iniciar e encaminhar as discussões, o professor poderá pedir para que os alunos tentem responder as seguintes questões:

- Diante das observações dos documentos, quais as semelhanças e diferenças entre eles?
- Há diferença entre a visão da sociedade no começo da colonização e na atualidade?

Após a exposição dos pontos pelos alunos, e o professor encaminhar para uma conclusão geral, aula encerra-se.

AULA 3

Título : O QUE OS DOCUMENTOS NOS APRESENTA - Indígenas

Essa aula será composta por duas atividades, na qual a última será uma discussão final entre todos da sala, com o professor como intermediador. Nesta etapa da sequência didática, iremos explorar os imaginários criados para a figura do indígena na cidade de São Paulo. Sendo assim, os alunos entraram em contato com fontes primárias visuais e escritas e irão discutir alguns aspectos desses recursos.

Atividade I – Os indígenas Nativos no começo da colonização

Em grupos, os alunos devem se reunir para observar e analisar algumas fontes referentes aos indígenas na cidade de São Paulo. A ideia é que sejam feitos quatro grupos de alunos, para que se mantenham na próxima atividade proposta na aula, mas fica a critério do professor que irá aplicar neste caso. Os documentos utilizados serão:

Documento 7: Relato de Gabriel Soares de Sousa. Tratado descritivo do Brasil. (1587)

Documento 8: Pintura por Leo Teodore de Bry

Documento 9: ANCHIETA, José de. Aos Padres e Irmãos da Companhia de Jesus em Portugal, de Piratininga, 1555. In: - Cartas, p. 87.

Para a análise dos documentos, o grupo deve tentar responder as seguintes questões:

- Em que data os documentos foram feitos?
- De que país eram os autores desses documentos?
- Qual a região que é retratada pelos autores?
- O que cada uma dessas obras conta para o observador?
- Há semelhança entre as obras?

Feito isso, após alguns minutos determinados pelo professor, é momento de expor as conclusões dos alunos. Como auxílio para que os alunos observem melhor os dados coletados, seria interessante escrever na lousa as respostas tanto divergentes como convergentes.

Atividade II – Como são os indígenas do Brasil e em São Paulo?

Depois do levantamento de ideias acerca aos documentos vistos na atividade I, agora é momento dos alunos criarem uma definição sobre como são os indígenas diante das fontes do passado observadas em aula. Feito a definição geral, é interessante escrevê-la na lousa e anotá-la para trazê-la para instigar os alunos numa atividade futura.

Após a definição sobre indígenas ligados aos autores do passado, é hora de os alunos fazerem uma definição pessoal sobre os indígenas: como

são os indígenas do Brasil e de São Paulo? Após a realização da definição pessoal, que os alunos possam expor suas próprias ideias acerca dos indígenas. O intuito dessa atividade é fazê-los refletir, sem dar alguma resposta “correta” sobre o assunto, e sim despertar que talvez eles tenham pouco contato com esse assunto e que seja interessante pesquisar sobre o tema, já os preparando para a próxima aula que tratará desse aspecto.

AULA 4

Título: COMO ESTÃO OS INDÍGENAS HOJE EM SÃO PAULO?

O objetivo dessa aula é que os alunos pesquisem sobre a situação dos indígenas hoje na cidade de São Paulo. Por conta de ser uma aula de pesquisa e de coleta de informação, somente duas atividades serão feitas nesta aula – coleta de informações e apresentação das pesquisas.

Atividade I – A situação dos Indígenas em São Paulo

A proposta é que os alunos se mantenham nos grupos formados anteriormente em outras aulas, e que cada grupo procure sobre a situação dos indígenas hoje na cidade de São Paulo, sob aspectos diferentes. Os aspectos que eles terão que pesquisar são quatro:

- Onde na cidade na cidade de São Paulo há concentração de grupos indígenas;
- Qual a situação de moradia desses indígenas (moram em aldeias, em casa comuns, em conjunto, etc?);
- Qual a forma que esses indígenas se vestem (não usam roupas, usam roupas tradicionais, ou roupas atuais?).
- Qual o tipo de alimentação dos indígenas hoje?

Seria interessante que houvesse tempo para que essa pesquisa fosse feita dentro do horário de aula, e que após sua finalização houvesse tempo para discussão. Após a pesquisa, é momento de expor as conclusões dos grupos, cada um apresentando os aspectos pesquisados. Algo que o professor deve levar em conta durante a exposição dessa pesquisa é que haverá, na próxima atividade, um exercício de comparação entre as atividades sobre indígenas.

Atividade II - Comparações entre atividades

Após a apresentação das pesquisas, é neste momento final da aula que o professor deverá pedir para que os alunos, não mais em grupos, possam comparar o que observaram nas aulas anteriores e tentarem organizar as ideias. Para iniciar e encaminhar as discussões, o professor poderá pedir para que os alunos tentem responder as seguintes questões:

- **Diante dessa pesquisa que fizeram, como os indígenas são vistos e tratados hoje na sociedade paulistana?**
- **Há diferença entre a visão da sociedade no começo da colonização e na atualidade?**

Assim como na última parte da aula 3, o intuito dessa atividade não é trazer alguma definição “correta” acerca do assunto, mas sim direcioná-los para refletir sobre as situações dos indígenas em São Paulo. Uma conclusão interessante seria acerca da percepção do espaço em que os indígenas vivem, sob situações sem dúvidas precárias. Sem dúvida, essa é uma das aulas mais importantes da sequência que fará o aluno perceber realidades diferentes da sua, dependendo de onde essa sequência for aplicada.

AULA 5

Título: O QUE A CIDADE NOS APRESENTA – Representações dos bandeirantes e dos indígenas.

Nesta aula, a proposta é que os alunos procurem por si mesmos a construção do imaginário da ideia do bandeirante e do indígena. Desta forma, a atividade tem um intuito muito prático.

Atividade I – Observando a construção do imaginário

O professor irá apresentar o seguinte documento:

Documento 10 : Obra Monumento às Bandeiras, Autor Victor Brecheret, 1954.

Feito isso, irá questionar se algum aluno o reconhece e sabe o que representa. Após algumas manifestações, o professor intermediário irá entregar para os alunos, que podem estar reunidos em grupos de de 5 a 7 alunos, um outro documento, que trata-se de uma breve explicação sobre o monumento.

Documento 11: Breve explicação sobre o Monumento à Bandeiras.

Feito isso, é interessante levar os estudantes a uma reflexão sobre o que a escultura pode nos apresentar. As questões que podem ser feitas ao monumento são:

- Quais as figuras representadas neste monumento?
- Há algum significado o fato da última personagem da escultura ser indígena e ser a única que parece fazer esforço para levar a embarcação?

Essa reflexão pode gerar mais discussões em sala, mas também é importante questionar (e conseqüentemente preparar os alunos para a próxima atividade) se há outros monumentos que os alunos conheçam que representam a história de São Paulo pelos Bandeirantes ou pelos indígenas.

Após essa conversa, a proposta aos alunos será de pesquisa sobre a presença de referências aos bandeirantes e a presença de referência aos indígenas em São Paulo.

Desta forma, a proposta é procurar exemplos de monumentos, esculturas, ruas e avenidas, escolas, associações que levam o nome ou referências de bandeirantes, outros que levam nomes ou referências indígenas. Essa pesquisa deve ser referente à cidade de São Paulo, e podem inclusive ser sobre nomes de bairros da cidade. Caso haja esse autonomia da parte do grupo, é possível que visitem os locais que encontraram em suas pesquisas e tragam fotos e relatos sobre os espaços. É recomendado que tragam fotos do local, principalmente se for um monumento, mas o mais importante é que tragam também as seguintes informações acerca dos ícones:

- Nome que carrega (seja avenida ou escultura). Em caso de ser uma obra como uma escultura, trazer a data de criação;
- Importância do local para a cidade e, se for um monumento, o quanto é conhecido.
- Por que tal local possui o nome referido, em caso de bairros ou ruas (se for possível encontrar tais informações).

Diante disso, a aula é voltada para a organização de grupos, início das pesquisas e esclarecimento de dúvidas entre o professor e os alunos.

AULA 6

Essa última aula é voltada para a apresentação das pesquisas dos alunos, e é pensada para uma grande discussão, formando um espaço para os alunos exporem o que encontraram, e também poderem compartilhar o que concluíram após essas aulas acerca do tema.

Atividade I – Exposição das pesquisas

O professor pode escolher como achar mais interessante a dinâmica desta aula, mas recomenda-se que os grupos exponham as fotos que coletaram sobre os espaços e esculturas que selecionaram.

Atividade II – Conclusões pessoais sobre a temática

Após a exposição das pesquisas, a ideia aqui é concluir a sequência feita nessas aulas. Assim, sem mais estar em grupos, o professor pode pedir para que os alunos façam uma nova definição sobre o que é bandeirante e como são hoje os indígenas em São Paulo.

Feitas as definições, que de preferência podem ser escritas na lousa para que o aluno organize melhor suas ideias, é hora de permitir novamente que os alunos coloquem sua reflexão pessoal acerca do que observaram após todo o trabalho de análise e reflexão dos documentos apresentados e notícias. O professor pode pedir para que escrevam ou somente falem o que ficou marcado para cada aluno. Para tornar esse processo mais conciso, seguem algumas questões que os alunos podem responder:

- Como foi a relação entre os indígenas e os bandeirantes?
- Qual a diferença entre as visões entre o passado e o presente sobre o indígena? E sobre o bandeirante?
- Qual a diferença entre sua visão sobre indígenas e bandeirantes no começo das aulas e agora?

Para finalizar todo o trabalho, seria interessante entregar para cada aluno um documento que fala sobre o uso da língua indígena em São Paulo, para

perceberem a importância da cultura indígena em nossa cultura atual, de nossa cidade inclusive. O documento referido seria:

Documento 12: Marcelle Souza, Português se restringia a documentos. Folha de S. Paulo, 25 jan. 2011. Caderno Especial São Paulo 457 anos.

Conclusões

O que se espera após toda a realização destas aulas é que o aluno fique mais atento às informações que recebe, criando, aos poucos, um olhar crítico sobre as situações que se depara. Além disso, é esperado que, ao menos, o estudante possa refletir sobre a questão do bandeirante como uma figura historicamente construída como símbolo de São Paulo, e que tenha uma percepção mais apurada acerca da questão indígena na cidade de São Paulo, que é parte integrante de nossa sociedade e faz parte da história da cidade de São Paulo e do nosso país.

BIBLIOGRAFIA

ABUD, Katia Maria. O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições: a construção de um símbolo paulista: o bandeirante. Tese de doutoramento, Departamento de História, Universidade de São Paulo, 1986.

OLIVEIRA, Emerson Dionisio G. de. Instituições, arte e o mito bandeirante: uma contribuição de benedito Calixto. Seaculum - REVISTA DE HISTÓRIA; João Pessoa, jul./ dez. 2008.

PETRONI, Pasquale. *Aldeamentos paulistas*. São Paulo: EDUSP, 1995, p. 137-157.

Documento 1

Origem e data: Revista Fórum, dia 5 de outubro de 2013.

Título: “Monumento às Bandeiras homenageia aqueles que nos massacraram”, diz liderança indígena

Link: <http://www.revistaforum.com.br/2013/10/05/monumento-as-bandeiras-homenageia-genocidas-que-dizimaram-nosso-povo-diz-lideranca-indigena/>

“Nesta semana, a obra do escultor ítalo-brasileiro Victor Brecheret recebeu tintas vermelhas, em um protesto realizado por índios do estado contra a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 215. O monumento, inaugurado em 1953, presta uma homenagem aos bandeirantes, responsáveis pelo assassinato de índios, nos séculos 17 e 18. Leia abaixo a carta de Marcos Tupã: ‘Para nós, povos indígenas, a pintura não é uma agressão ao corpo, mas uma forma de transformá-lo. Nós, da Comissão Guarani Yvyrupa, organização política autônoma que articula o povo guarani no sul e sudeste do país, realizamos no último dia 02 de outubro, na Av. Paulista, a maior manifestação indígena que já ocorreu em São Paulo. [...] Saindo da Av. Paulista, marchamos em direção a essa estátua de pedra, chamada de Monumento às Bandeiras, que homenageia aqueles que nos massacraram no passado. Lá subimos com nossas faixas, e hasteamos um pano vermelho que representa o sangue dos nossos antepassados, que foi derramado pelos bandeirantes, dos quais os brancos parecem ter tanto orgulho. Alguns apoiadores não-indígenas entenderam a força do nosso ato simbólico, e pintaram com tinta vermelha o monumento. Apesar da crítica de alguns, as imagens publicadas nos jornais falam por si só: com esse gesto, eles nos ajudaram a transformar o corpo dessa obra ao menos por um dia. Ela deixou de ser pedra e sangrou. Deixou de ser um monumento em homenagem aos genocidas que dizimaram nosso povo e transformou-se em um monumento à nossa resistência. [...] Ficamos muito tristes com a reação de alguns que acham que a homenagem a esses genocidas é uma obra de arte, e que vale mais que as nossas vidas. Como pode essa estátua ser considerada patrimônio de todos, se homenageia o genocídio daqueles que fazem parte da sociedade brasileira e de sua vida pública? [...]’

Documento 2

Origem: Site do G1, dia 30 de setembro de 2016

Título: Monumentos amanhecem pichados com tinta colorida em SP - Monumento às Bandeiras e estátua de Borba Gato foram pintados. Havia cascas de ovo com resto de tinta.

O Monumento às Bandeiras, no Ibirapuera, e a estátua de Borba Gato, em Santo Amaro, ambos na Zona Sul da capital paulista, amanheceram pichados com tintas coloridas na manhã desta sexta-feira (30). As mesmas cores: rosa, verde claro e amarelo foram usadas nos dois monumentos.

O Monumento às Bandeiras, localizado na Praça Armando Salles de Oliveira, em frente ao Parque Ibirapuera e à Assembleia Legislativa, é uma obra do escultor Victor Brecheret em homenagem aos bandeirantes paulistas. Ele foi instalado em 1954, junto ao Parque, em comemoração aos 400 anos de **São Paulo**.

A obra é feita de blocos de granito, possui 50 metros de comprimento e 16 metros de altura. Câmeras de trânsito da região podem ter registrado a ação dos pichadores, que usaram tintas azuis, verdes e rosas para pintar o monumento.

Em nota, o Instituto Victor Brecheret se disse "perplexo" e "indignado" com a pichação.

“O Instituto Victor Brecheret – IVB vem a público manifestar sua perplexidade e indignação pelos atos de barbarismo, ocorridos nesta madrugada (30/09), que atingiram, entre outros monumentos da cidade, o “Monumento às Bandeiras”, de autoria de Victor Brecheret. É uma violência cometida contra uma das mais importantes obras artísticas do país.

O Monumento às Bandeiras pertence ao Povo Brasileiro. Como símbolo, deve ser respeitado e sua preservação garantida por todos nós.

O Instituto Victor Brecheret – IVB espera a restauração completa da obra, para que ela possa permanecer para as próximas gerações”, diz o texto.

Ao redor da estátua de Borba Gato, na Avenida Santo Amaro, havia cascas de ovo com restos de tinta.

A limpeza dos monumentos começou a ser realizada pela Prefeitura de São Paulo às 8h, de acordo com o Bom Dia Brasil. Em nota, a Prefeitura afirma que foi surpreendida com as pichações. "Equipes da subprefeitura trabalham, desde as primeiras horas do dia, na limpeza dos equipamentos."

Documento 3:

O mestre de campo Domingos Jorge Velho e seu lugar-tenente Antônio Fernandes de Abreu (detalhe), óleo sobre tela, 1903, com 100 x 140 cm, acervo do Museu Paulista da USP.



Documento 4:

Instituições, arte e o mito bandeirante: uma contribuição de benedito Calixto. Emerson Dionisio G. de Oliveira Seaculum - REVISTA DE HISTÓRIA; João Pessoa, jul./ dez. 2008.

“Podiam os paulistas ser qualificados de violentos, às vezes até cruéis em suas acções, mas eram, entretanto, francos, honestos e sinceros e isto constituía uma das principais qualidades da nobreza e da firmeza de seu carácter.”

CALIXTO, Benedito. Capitánias Paulistas. São Paulo: Estabelecimento Gráfico J. Rossetti, 1924, pag 131.

Documento 5:

Bandeirante era assassino dos sertões. Folha de S. Paulo, 25 jan. 2011. Caderno Especial São Paulo 457 anos.

Bandeirante era assassino dos sertões.

Ainda que estradas, avenidas e palácios levem seus nomes, os bandeirantes eram mais assassinos do que heróis desbravadores.

É o que mostram os relatos sobre esses responsáveis pelo frutífero negócio de trazer índios do interior do país para a escravidão no século 17.

[...]

Nomes como Raposo Tavares, Fernão Dias e Domingos Jorge Velho com frequência apareciam associados à violência e a assassinatos.

Não foi apenas moral a ilusão criada sobre os bandeirantes, porém. Até suas roupas são retratadas de maneira errada. Não usavam, por exemplo, botas, nem que o destino fosse muito longe: o próprio Jorge Velho foi descalço de São Paulo ao Piauí.

A aparência corpulenta e a pele alva das pinturas também não são reais.

"A maioria era filho de branco com índia, com a pele mais escura", diz Manuel Pacheco, da Universidade Federal da Grande Dourados. "A alimentação era restrita. O bandeirante gordo dos quadros é muito improvável."

Esse mito dos bandeirantes foi consolidado após décadas de "marketing".

A imagem heroica foi incentivada com a ascensão dos cafeicultores paulistas à elite econômica do Brasil, no fim do século 19. A partir de 1903, essa orientação foi incorporada à política, e o governo estadual passou a bancar obras de arte que apoiassem essa aura mítica.

Com o passar dos anos, o mito foi sendo incorporado a outros grupos, que queriam se associar a essa imagem de coragem. [...]

Documento 6:

José Roberto Torero, Grandes nomes têm passado mais vermelho que dourado. Folha de S. Paulo, 25 jan. 2011. Caderno Especial São Paulo 457 anos, p. 3

Grandes nomes têm passado mais vermelho que dourado.

Um dia gostaria de escrever um romance histórico sobre os bandeirantes. Mas o livro não teria muito a ver com aquela imagem de homens destemidos que buscaram expandir as fronteiras. Nem suas roupas seriam como as daquela estátua de gosto duvidoso de Borba Gato em Santo Amaro, que está vestida quase como um nobre. Aliás, nobreza é uma coisa que os bandeirantes não tinham. Eram homens duros, que falavam mais guarani do que português, andavam descalços e não tinham pudor de usar golpes baixos para enganar os índios, como se disfarçarem de padres.

Documento 7

Gabriel Soares de Sousa. Tratado descritivo do Brasil. (1587)

“[os tupinambás] não adoram nenhuma coisa, nem tem nenhum conhecimento da verdade, nem sabem mais que há morrer e viver; e qualquer coisa que lhes digam, se lhes mete na cabeça, e são mais bárbaros que quantas criaturas Deus criou. [...] faltam-lhes três letras do ABC, que são F, L, R [...] porque, se não tem F, e porque não tem fé em nenhuma coisa que adorem; [...]. E se não tem L na sua pronúnciação, é porque não tem lei alguma que guardar, nem preceitos para governarem; [...]. E se não tem a letra R [...] é porque não tem rei que os reja”.

Documento 8:

Pintura de Leo Theodore de Bry - A pintura a seguir foi feita por Leo Theodore de Bry, um ilustrador europeu que utilizou como referência para sua arte os escritos de Hans Staden em sua viagem ao Brasil. Data: 1556.



Documento 9: ANCHIETA, José de. Aos Padres e Irmãos da Companhia de Jesus em Portugal, de Piratininga, 1555. In: - Cartas, p. 87.

"Uma cousa desejamos cá todos e pedimos muito a Nosso Senhor, sem a qual não se poderá fazer muito fruto no Brasil, que desejamos, e é que esta terra toda seja mui povoada de Cristãos que a tenham sujeita, porque a gente é tão indômita e está tão encarniçada em comer carne humana e isenta em não reconhecer superior, que será mui dificultoso ser firme o que se plantar, se não houver êste remédio, o qual continuamente pedem cá os Padres e Irmãos a Nosso Senhor e estão mui consolados por haver quase certeza que pela terra a dentro se descubrem muitos metais, porque com isto se habitará muito esta terra, e estes pobres Índios, que tão tiranizados estão do demônio, se converterão a seu Criador".

Documento 10:

Obra: Monumento às Bandeiras

Autor: Victor Brecheret

Data da construção: 1954

Local: São Paulo, SP

Órgão responsável pelo patrimônio: CONDEPHAAT

Documento 11:

Breve explicação sobre o Monumento às Bandeiras.

O monumento às bandeiras é uma das obras que encontramos em São Paulo que representam os bandeirantes, e é uma homenagem aos bandeirantes paulistas que desbravaram o interior da região da América Portuguesa nos séculos 17 e 18, e estenderam as fronteiras brasileiras. É considerado uma das maiores esculturas do mundo e é visto como um marco da cidade. Composto por um grupo anônimo de trinta e sete figuras, representando as várias etnias da formação do povo paulista, como índios, negros, portugueses, mamelucos e, dentre eles a própria figura do escultor ítalo-brasileiro Victor Brecheret, retratado entre os personagens da obra (4a. figura à direita, com a seguinte inscrição no ombro: "Autorretrato do escultor Victor Brecheret 02-10-1937"). O monumento foi idealizado em 1920, e inaugurado mais de trinta anos depois, em 25 de janeiro de 1953, como parte das comemorações do 399º aniversário de São Paulo. Peça – Granito (8,00m x 7,00m x 40,0m), Pedestal – Granito (2,54m x 8,40m x 43,80m). Esse monumento popularmente é chamado de Empurra-empurra ou Deixa-Que-Eu-Empurro. Esse nome refere-se ao fato da embarcação não estar sendo puxada pelas pessoas que estão a sua frente, pois as cordas estão visivelmente frouxas, como se pode notar no detalhe da foto. A única figura que realmente estaria esforçando-se é a última, a empurrar o barco, e é representado por um indígena.

Documento 12:

Marcelle Souza, Português se restringia a documentos. Folha de S. Paulo, 25 jan. 2011. Caderno Especial São Paulo 457 anos.

Português se restringia a documentos

Sem muitas portuguesas por perto, boa parte dos primeiros colonos paulistanos

casaram com índias. Resultado: os filhos aprendiam uma língua que não era português nem tupi, embora puxasse bem mais para a última.

No século 17, a "língua geral paulista" era, então, muito mais comum do que o português na cidade. Algumas das suas expressões ainda vivem, como cutucar e nhenhém.

Tratava-se de uma língua oral. Nos documentos oficiais, utilizava-se uma versão arcaica (e quase nunca bem redigida) do português.

Habilidade com a "língua geral" e o tupi se tornou tão importante que era obrigatória entre os jesuítas -deixando para trás até o latim, considerado dispensável.

Os colonos se habituaram tanto ao tupi que começaram a reclamar quando a captura de índios em regiões próximas a São Paulo se esgotou.

É que os bandeirantes começaram a ter de buscar nativos para escravizar em terras mais distantes, onde os índios não falavam tupi.

Em 1680, então, um colono dizia que a sua maior frustração ao ver os seus escravos, provavelmente guaianás, doentes era não poder entender "do que os pobres padecem, porque não há língua que os entenda".

Foram os bandeirantes, aliás, que espalharam a "língua geral" para outros estados, como Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás e Paraná, diz Eduardo de Almeida Navarro, professor de tupi da USP.

Não se sabe com certeza, porém, se o "erre" retroflexo dessas regiões -aquele do "não suporrito porrrta aberrta"- veio do tupi, nem se foi levado pelos bandeirantes.

De qualquer forma, tanto o interior como a capital paulista iriam receber grandes levas de imigrantes séculos depois, gente que alterou completamente a maneira de se falar o português por aqui.

Bem antes, porém, a "língua geral" já estava condenada. Morreu em 1758, quando o marquês de Pombal, ministro do rei dom José 1º, proibiu ensinar qualquer coisa próxima ao tupi no Brasil, para fortalecer o português.

ENTREOUVIDO EM 1650

Baeapiabapaipó?

"Que índios são esses?" em tupi

Cair um toró

"Tororó" é jorro d'água em tupi

Velha coroca

"velha resmungona", já que "kuruk" é resmungar em tupi

Âandé ruba, Âandé Îara!

"Nosso Pai, Nosso Senhor", escreveu Anchieta em tupi

Ficar com nhenhém

Quer dizer "falando sem parar", pois "nhe'eng" é falar em tupi

Cutucar

Vem da palavra "kutuk", que é espetar em tupi

Ir ao Jabaquara

o nome do bairro, em tupi, significa "casa dos índios fugidos"

Treição e maparra

no português arcaico, virou hoje "traição e fingimento"